

ALFABETIZAÇÃO EM REDE: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ENSINO REMOTO DA ALFABETIZAÇÃO NA PANDEMIA COVID-19 - RELATÓRIO TÉCNICO (PARCIAL)

APRESENTAÇÃO

Apresentamos o primeiro relatório da pesquisa ALFABETIZAÇÃO EM REDE que tem como um dos objetos de estudo o ensino remoto no campo da alfabetização durante a pandemia¹ da Covid-19 que exigiu medidas sanitárias e políticas públicas educacionais emergenciais, tendo em vista o ano letivo escolar em curso e a necessidade de se manter os vínculos entre as escolas, as crianças e suas famílias. Como medida de prevenção ao contágio e propagação do vírus, houve a necessidade de suspensão das atividades presenciais e rápida adequação do formato de ensino por parte dos sistemas públicos e privados a alternativas diversas de atendimento às crianças, o que, na maioria dos casos, significou, no geral, a substituição do ensino presencial pelo ensino remoto. Entretanto, longe de uma simples adequação no formato, essa alteração provocou adequações pedagógicas e curriculares ao modelo de ensino remoto e tem se constituído em grande desafio para os que atuam na linha de frente da educação e, em especial, da alfabetização, em virtude da grande desigualdade social que demarca as condições de acesso às Tecnologias Digitais (TD) e as condições de realização no ambiente doméstico, tanto do exercício profissional, por parte dos professores, quanto de atividades tipicamente escolares, por parte das crianças. Em face disso, convidamos os(as) leitores(as) a conhecer os primeiros resultados da pesquisa, realizada com professoras das redes públicas e privadas de ensino, atuantes na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental no Brasil.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PESQUISA

A pesquisa ALFABETIZAÇÃO EM REDE tem como um dos objetivos compreender de forma aprofundada a situação da alfabetização de crianças no Brasil durante a pandemia da Covid-19. Registrada na Plataforma Brasil, sob o código 36333320.0.0000.5151, é conduzida pelo coletivo ALFABETIZAÇÃO EM REDE, formado no primeiro semestre de 2020, constituído por 117 pesquisadoras(es) de 28 universidades, localizadas em todos os estados e regiões do país, que assinam este relatório, sob a coordenação da professora Dra. Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo, da Universidade Federal de São João del-Rei.

¹ A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (Covid-19) constituiu uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia (OMS/PAHO, 2020), definida pela organização como “a disseminação mundial de uma nova doença [...] quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa”.

O coletivo ALFABETIZAÇÃO EM REDE é responsável por todo o desenho metodológico da pesquisa, pela elaboração de instrumentos de coleta de dados, bem como por sua aplicação e análises publicizadas no presente relatório. O público-alvo da pesquisa é constituído por professoras da Educação Básica que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) atuantes, prioritariamente, nas redes públicas de ensino.

A primeira fase de coleta de dados ocorreu por meio de um questionário do *Google forms* aplicado *online*, entre junho e setembro de 2020. O instrumento contém 34 perguntas distribuídas em dois focos principais: i. a alfabetização durante a pandemia; ii. a recepção da Política Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019) do Governo Federal. Neste relatório, apresentamos os dados relativos ao primeiro foco da investigação.

Os tópicos abordados se distribuíram em dois blocos de perguntas: o primeiro, relativo ao perfil profissional geral das docentes, incluindo informações sobre os turnos de trabalho, o tipo de vínculo com as redes de ensino, o tempo de atuação no magistério, o gênero, a raça, a formação acadêmica, a etapa do ensino em que atuam, a localização geográfica, dentre outras. O segundo bloco trata de perguntas sobre o ensino remoto, incluindo o acesso às tecnologias, a preparação para o trabalho com as aulas remotas, os maiores desafios do ensino não presencial na alfabetização, as ferramentas/mídias/materiais mais utilizados para o trabalho remoto, a recepção da PNA, dentre outras.

A amostra é composta por 14.730 docentes-respondentes, já descontadas as respostas duplicadas, distribuídos por todas as regiões do país. Na divulgação do questionário contamos com a colaboração, em alguns estados e municípios, da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), das Secretarias de Educação e das redes de professoras alfabetizadoras já instituídas no país a partir do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Divulgamos, ainda, por email, nas redes sociais dos pesquisadores e de seus grupos de pesquisa, nas páginas de grande parte das universidades envolvidas.

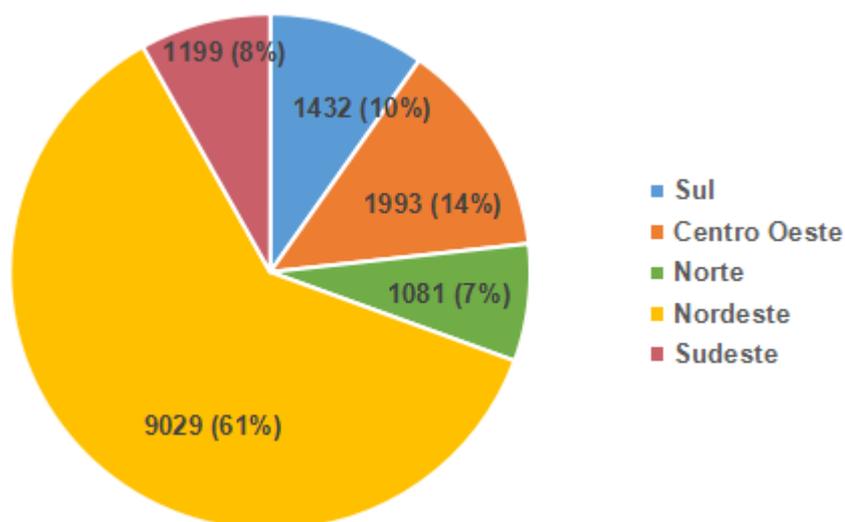
Apresentamos a seguir parte dos resultados alcançados neste primeiro momento. Uma equipe de estatísticos, em parceria com a ALFABETIZAÇÃO EM REDE, trabalha na base de dados com o objetivo de aprofundar ainda mais a compreensão do fenômeno com vistas a uma publicação em 2021. Neste relatório, apresentamos uma visão panorâmica das tendências já observadas num primeiro movimento de análise.

PERFIL DOS PARTICIPANTES

O Brasil tem aproximadamente 48 milhões de estudantes nas 180,6 mil escolas de Educação Básica. As etapas de ensino mais ofertadas são a Educação Infantil, com 114.851 escolas, e os anos iniciais do Ensino Fundamental, com 109.644 escolas. Esse contingente de escolas atende a 8.972.778 crianças na Educação Infantil e 15.018.498 nos anos iniciais do Ensino Fundamental (INEP, 2020).

Em torno de 85% dos professores da educação básica - da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental - são mulheres que, além de exercerem as atividades de docência (que neste momento vêm exigindo ampla reestruturação em sua dinâmica), precisam conciliar, mais ainda, o espaço privado da casa, bem como as demandas próprias da vida doméstica-familiar, com as demandas do trabalho. Essa situação causa uma sobrecarga imensa nos múltiplos papéis que essas professoras assumem de forma concomitante e em momento peculiar da vida social marcado por limites, temores e perdas em meio ao isolamento social.

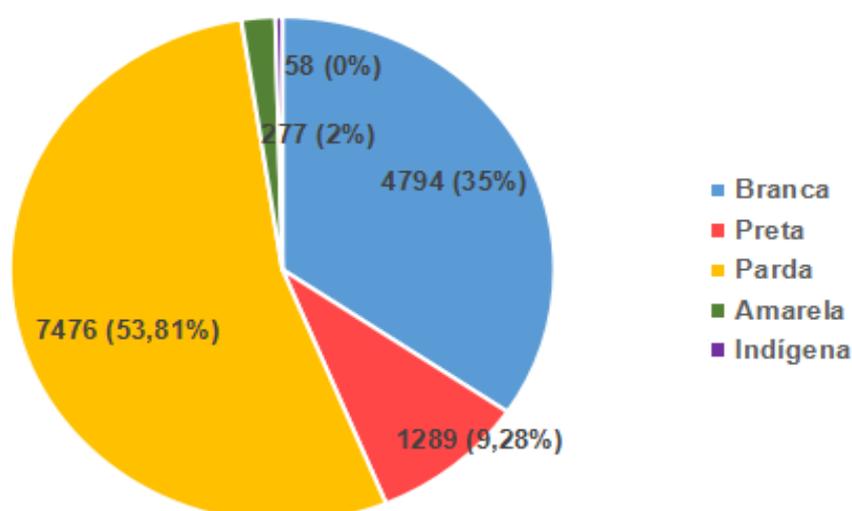
O público-alvo respondente está distribuído, conforme o Gráfico 1, pelas cinco regiões do país, mas, como se nota, concentra-se prioritariamente na Região Nordeste, a qual responde por 61% dos dados da pesquisa.

Gráfico 1 - Distribuição por região

Dos estados participantes, Ceará e Alagoas respondem por 18% e 16% dos dados coletados respectivamente, somando-se um terço do total. Dos 18 estados em que o questionário circulou de forma direcionada pela nossa equipe, cinco deles tiveram mais de 1.000 participantes (Ceará, Alagoas, Piauí, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul), resposta semelhante à da pesquisa da Rede Gestrado (2020).

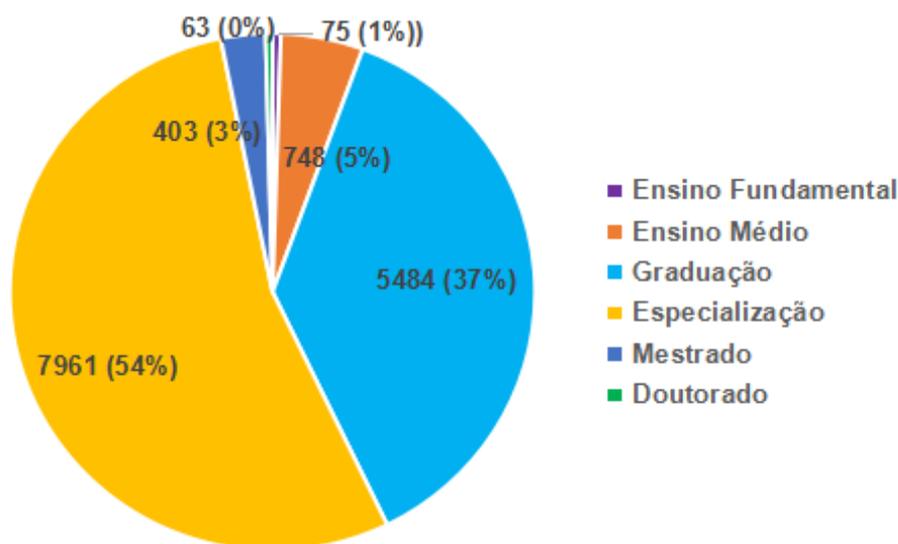
Dos respondentes, 94% são do gênero feminino, confirmando um traço básico do perfil das professoras da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A maior parte das professoras são mulheres casadas (57%). Assim, além de exercerem as atividades de docência, que, neste momento, vêm exigindo a reconfiguração de ações pedagógicas, a produção de distintos saberes e a apropriação de novas habilidades que se mostram necessárias ao fazer docente na modalidade não presencial (e em ambiente familiar), assumem outras funções como mães, esposas, cuidadoras, desempenhando uma multiplicidade de tarefas que compõem sua dupla ou tripla jornada de trabalho.

Em relação à raça, o Gráfico 2 indica a predominância da cor parda com 53,81%.

Gráfico 2 - Raça

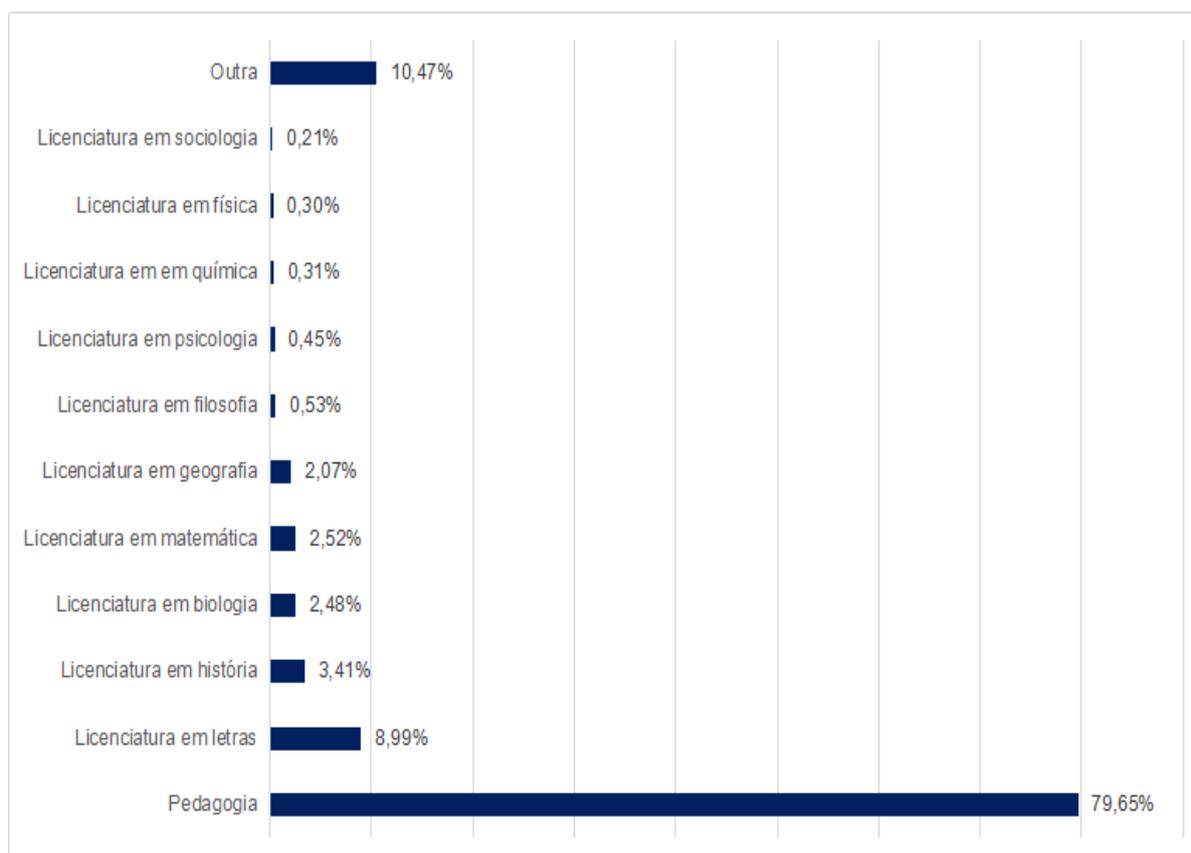
Quanto à formação acadêmica, 91% possuem o Ensino Superior completo, conforme evidenciado no Gráfico 3. Desse total, 54% têm pós-graduação em nível de especialização, 3% têm mestrado e 1% têm doutorado. Apenas 0,5% podem ser consideradas professoras leigas, que completaram apenas o Ensino Fundamental.

Gráfico 3 – Formação acadêmica



Ainda sobre a formação acadêmica, os dados evidenciam que 80% das professoras são Pedagogas. As demais são licenciadas em outras áreas do conhecimento, dentre elas Letras, História, Biologia, Filosofia, Geografia, mesma tendência observada por Macedo e Mortimer (2006) e Macedo (2019).

Gráfico 4 – Cursos de graduação



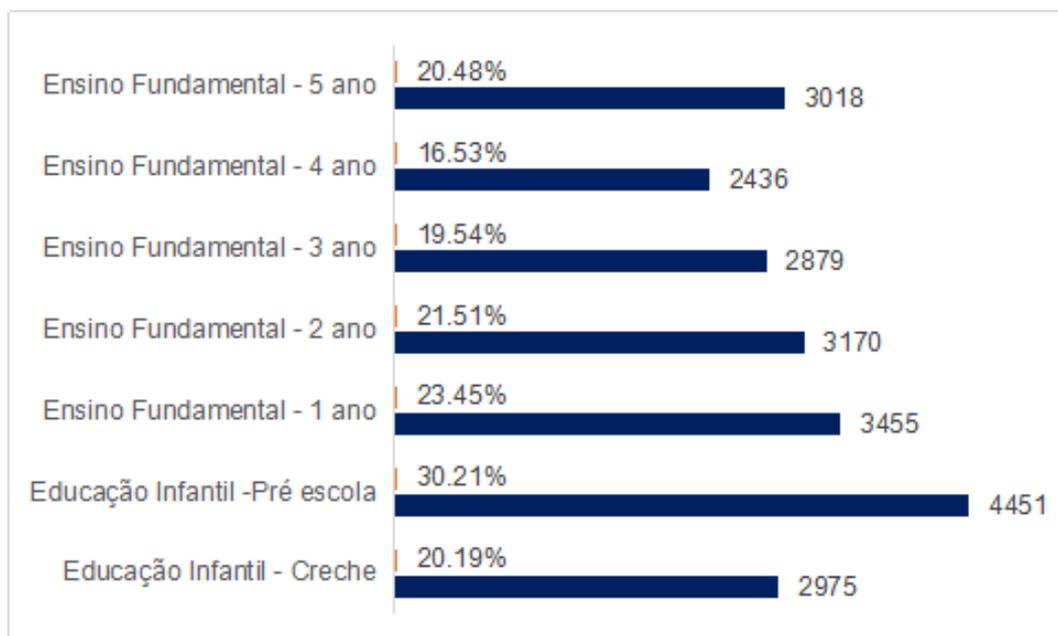
Além da função de professora, exercida pela maioria das participantes (85,4%), o estudo evidencia que elas exercem também a função de coordenação, direção e professora de biblioteca. Esse dado indica que o conhecimento sobre a alfabetização durante a pandemia foi produzido nesta pesquisa a partir da experiência de quem realmente está à frente deste desafio, ou seja, as professoras.

Gráfico 5 – Função que ocupa na escola



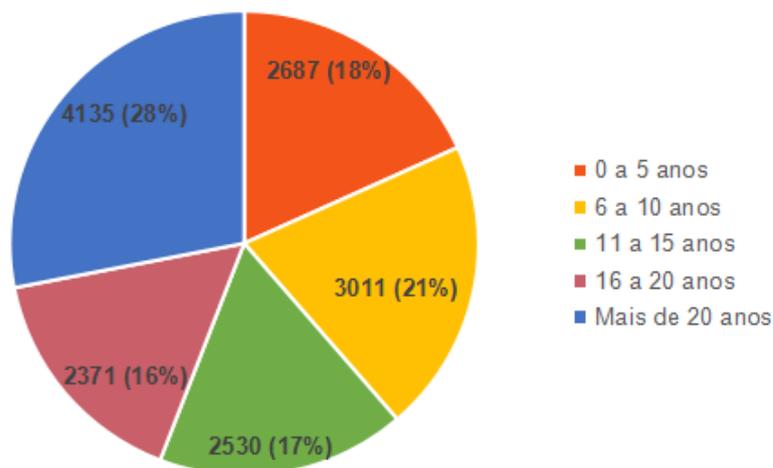
A grande maioria das docentes, em torno de 93% do total, atua nas redes municipais de ensino, sendo que, no Gráfico 6 é possível observar em que etapas elas atuam. Pouco mais de 50% trabalham na Educação Infantil, na creche - crianças de 0 a 3 anos (20,1%) e na pré-escola - crianças de 4 e 5 anos (30,2%). As demais trabalham do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, evidenciando uma amostra equilibrada entre as duas etapas, em diferentes anos/turmas.

Gráfico 6 – Etapa de ensino em que atua



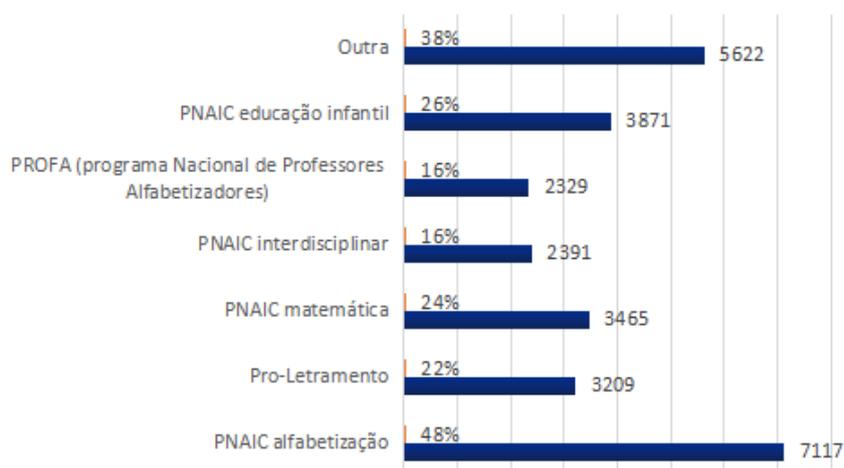
Os dados mostram que 48,9% das docentes trabalham em um turno, aproximadamente 49,1% atuam em dois turnos e apenas 2% trabalham em três turnos. Das informantes, 65% são docentes concursadas e efetivas nas suas redes de ensino, enquanto 28% são temporárias. Os dados indicam que aproximadamente 44% atuam no magistério há mais de 16 anos. Apenas 18% podem ser consideradas iniciantes, com até cinco anos de experiência. É possível considerar que essa variação no tempo de experiência pode ter influenciado na implementação de diferentes estratégias de enfrentamento dos desafios da alfabetização no contexto da pandemia.

Gráfico 7 – Tempo de experiência no magistério



Os dados relativos à formação continuada são reveladores: 48% participaram da formação desenvolvida no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) realizada entre 2013 e 2018 e 22% participaram da formação propiciada pelo Programa Pró-letramento, entre 2006 e 2012. Em torno de 16% participaram do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), provavelmente aquelas com maior tempo na docência, tendo em vista que este programa foi oferecido pelo Ministério da Educação em 2001, há quase duas décadas. Os dados ainda indicam que as professoras da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental têm realizado investimentos em sua formação e no seu desenvolvimento profissional. Um conjunto expressivo de professoras respondentes participou das políticas de formação continuada de abrangência nacional nas duas últimas décadas. Essa tendência assemelha-se aos perfis de docentes da Educação Básica já traçados por Macedo e Mortimer (2006) e Macedo (2019).

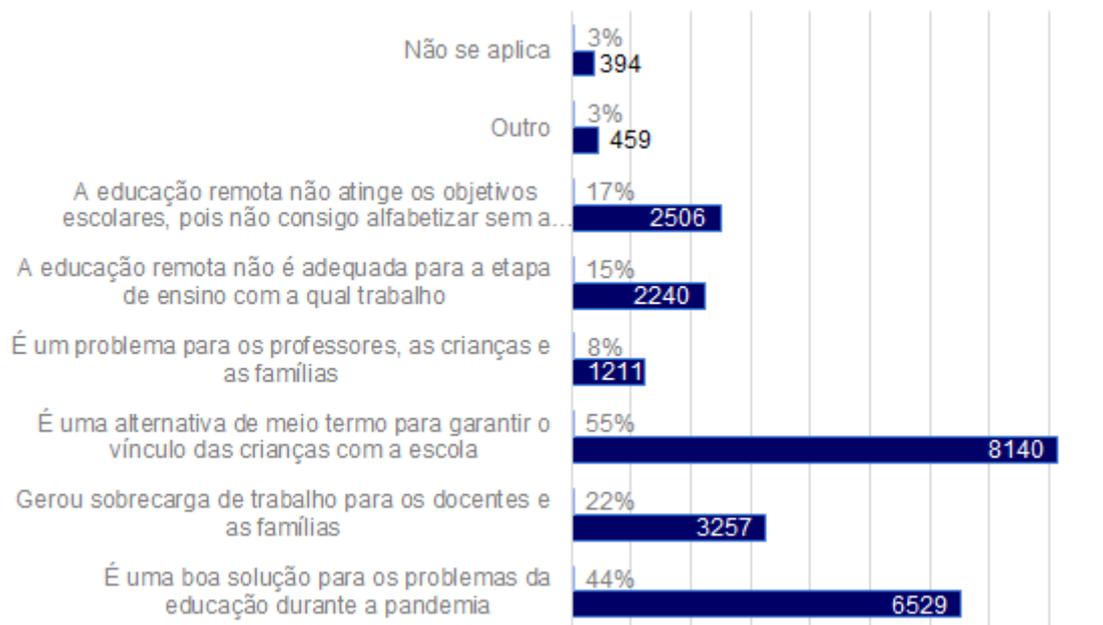
Gráfico 8 – Formação continuada



ENSINO REMOTO

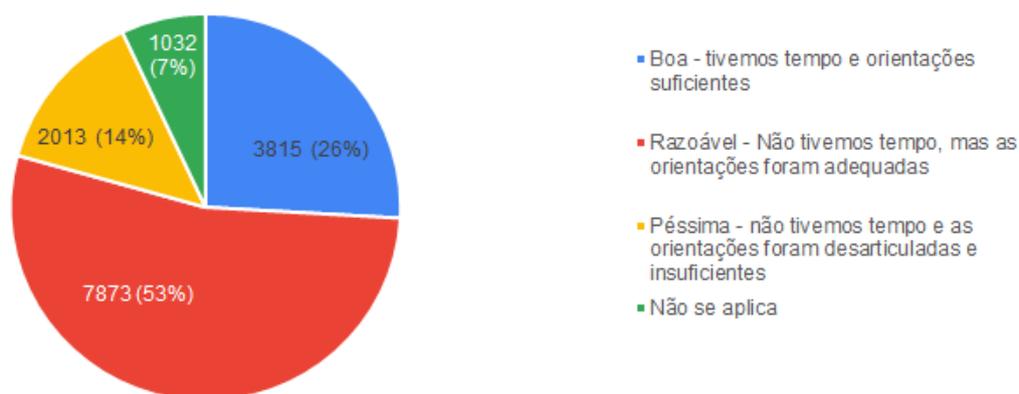
No que se refere especificamente ao ensino remoto, os dados evidenciam que 90,8% das docentes destas duas etapas escolares estão atuando de forma remota, tendência que se aproxima dos 84% identificados pela pesquisa da Rede Gestrado (2020). Duas perguntas do questionário pediam às participantes que avaliassem a experiência com o trabalho remoto. No Gráfico 8 está evidente que as professoras estão atuando de forma remota durante a pandemia. Para 54,9%, o ensino remoto foi uma alternativa possível – “de meio termo” – no atual contexto, para garantir algum vínculo da escola com as crianças. Mesmo considerando que se podia escolher mais de uma possibilidade, é evidente o reconhecimento de que a escola precisaria, sim, implementar uma alternativa de continuidade do trabalho. Para 44,6%, o ensino remoto é considerado uma boa solução para os problemas da pandemia, o que não significa ignorar que, ao mesmo tempo, ele não propicia, de modo integral, o atingimento dos objetivos escolares porque, tendo em vista as especificidades do processo de alfabetização, não se torna possível alfabetizar efetivamente sem aulas presenciais, além de ter gerado sobrecarga de trabalho para os docentes e as famílias e não ser adequado à etapa de ensino com a qual trabalha, como evidencia o gráfico 8.

Gráfico 8 – Avaliação do ensino remoto



Quanto à avaliação da preparação para o trabalho remoto, no gráfico 9 observa-se que a maior parte das professoras reconhece que foi razoável, o que significou não ter tempo suficiente, contudo, as orientações mostraram-se adequadas. Entre os participantes, 26% afirmam que tiveram uma boa preparação, ou seja, tempo e orientações suficientes. Consideramos esse dado surpreendente, uma vez que o contexto da pandemia exigiu um conjunto de alterações nos modos de alfabetizar as crianças nas diversas redes de ensino. Evidentemente, esse dado requer uma análise mais aprofundada² para uma compreensão sobre quem são os professores que tiveram uma boa preparação para o ensino remoto: estão em redes públicas ou privadas, nas grandes cidades ou no interior, em quais regiões e estados do país? O mesmo vale para os 14% que afirmam terem tido péssimas condições de preparação para o trabalho, com insuficiência de tempo e com orientações desarticuladas e insuficientes.

² Uma análise qualitativa está em andamento pelo coletivo Alfabetização em Rede em uma segunda fase da pesquisa.

Gráfico 9 – Preparação para o trabalho remoto

Com o objetivo de aprofundar um pouco mais o conhecimento da realidade investigada, perguntamos sobre os materiais que estavam sendo utilizados para a realização do ensino remoto e quais plataformas utilizadas. O gráfico 10 evidencia o *whatsapp* como a principal ferramenta utilizada nos últimos meses. Embora tenhamos colocado esse aplicativo junto com a plataforma *Google Classroom*, os dados qualitativos da segunda fase da pesquisa (em andamento) indicam que a sala de aula remota, nesta pandemia, reduz-se à tela do celular conectado ao aplicativo *whatsapp* para 71,58% das professoras, o que é indício da precariedade de condições de conectividade virtual das docentes e dos alunos. Surpreendente, ainda, é o uso de recursos impressos como auxílio do ensino remoto (em muitos contextos, o ensino remoto está restrito ao envio de atividades impressas para as crianças realizarem em casa, sob a orientação de pais e/ou responsáveis), em torno de 55,89%, tendência também observada nas análises qualitativas dos casos que estão sendo investigados. O uso de materiais impressos pode se relacionar à própria tradição escolar, cujas práticas se alicerçam nesses suportes didáticos, mas também podem ser vinculados às desigualdades sociais que incidem sobre nossos estudantes, em grande parte excluídos das ferramentas tecnológicas e dos instrumentos socioculturais e cognitivos essenciais à participação nos processos remotos sincrônicos. Apenas 15,86% indicam utilizar-se de plataformas disponibilizadas pelas próprias redes de ensino.

Gráfico 10 - Ferramentas e plataformas usadas no ensino remoto

As respostas para a pergunta central desta pesquisa estão apresentadas no Gráfico 11, que conferem visibilidade aos desafios do cotidiano da alfabetização no contexto da pandemia Covid-19, ao protagonismo das professoras e às possibilidades que se inscrevem nas práticas que têm sido produzidas.

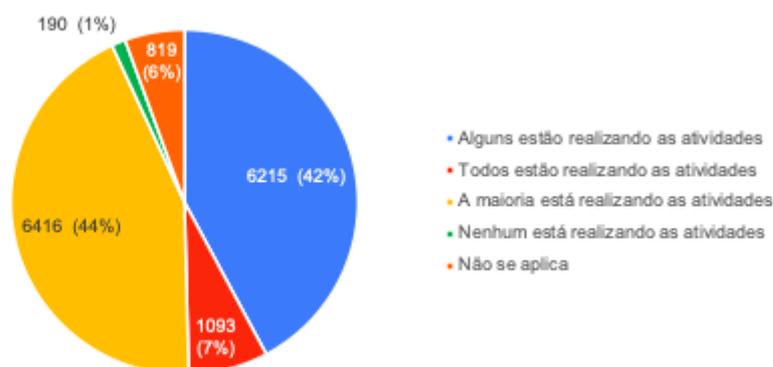
Gráfico 11- O maior desafio do trabalho remoto com a alfabetização



Pelo gráfico exposto observa-se que para 57% das professoras respondentes, o maior desafio é fazer com que os estudantes realizem as atividades propostas. Outras respostas igualmente relevantes e que consolidam a afirmação anterior indicam que para 33% o desafio é obter mais retorno dos alunos em relação às propostas de ensino, além das próprias dificuldades destes com atividades que demandam o acompanhamento dos pais e/ou responsáveis. Estes dados dão centralidade à importância do trabalho docente presencial, à potência das interações professor-criança e das crianças entre si, às redes de relações e aprendizagens que se processam na sala de aula e que foram obstruídas pelo distanciamento social imposto pela pandemia.

Ainda sobre a participação dos alunos nas atividades remotas, o Gráfico 12 reforça os dados aqui discutidos. Para 44,6% a maioria de seus alunos realiza as atividades propostas, enquanto que para 42% apenas alguns dão retorno das atividades. Chama atenção que apenas 7% das professoras indicam que todos os alunos realizam as atividades o que revela que, a despeito do grande percentual de respostas afirmativas em relação ao desenvolvimento de atividades remotas, essa alternativa não se configura democrática e acessível – como deveria ser – a pelo menos à maioria dos alunos, considerando-se o papel da escola de promoção de aprendizagens. Assim, mesmo levando-se em conta que mesmo no ensino presencial os processos e avanços não se fazem de modo homogêneo na totalidade das turmas e que nem todos os alunos realizam, de igual modo, as atividades, esse dado revela que o ensino remoto, dadas as condições desiguais de sua realização – para professores e crianças – não se configura como uma alternativa de garantia do papel da escola de promoção da socialização do conhecimento. E mesmo que apenas uma parcela mínima da amostra indica que nenhum estudante está realizando as atividades, o dado anteriormente comentado aponta para um agravamento da situação de ensino e aprendizagem das crianças em seu processo de alfabetização.

Gráfico 12 – Participação dos alunos no ensino remoto



Sobre o planejamento para o trabalho remoto, o Gráfico 13 indica a variedade de fontes e de suportes aos quais as professoras recorrem para planejar a prática pedagógica. Chama a atenção o livro didático como a principal fonte (57%), seguido das atividades pesquisadas na internet (43%) combinadas com materiais construídos pelas Redes para este fim, como livros paradidáticos e *sites* da internet. Isso significa que são múltiplas e variadas as estratégias de ensino criadas pelas docentes para darem conta do desafio de alfabetizar remotamente. Além disso, indica que o livro didático segue sendo o recurso educacional impresso mais utilizado nas atividades propostas tanto na educação presencial quanto no formato remoto.

Gráfico 13 – Recursos utilizados no planejamento



Considerando-se que o ensino remoto, como evidencia a pesquisa, está ocorrendo predominantemente por meio da internet, ainda que com ajuda significativa de material impresso, perguntamos como se dá o acesso das docentes às tecnologias e à internet em suas casas. O Gráfico 14 indica que a grande maioria, 94%, tem acesso a computador, internet, tablet ou smartphone. Porém, 16% têm acesso, mas não sabem utilizar essas tecnologias. Para 21% dessa amostra, conseguir acessar as tecnologias, ter internet disponível em casa e aprender a usar essas ferramentas tornou o trabalho remoto um desafio ainda maior.

Gráfico 14 – Acesso à internet e às tecnologias.

EM SÍNTESE

Os dados apresentados neste relatório representam um esforço inicial de análise. Evidenciam um quadro complexo e multifacetado do ensino remoto na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental durante a pandemia da Covid-19, no Brasil. Temos em torno de 91% das docentes desses dois segmentos trabalhando remotamente durante o ano de 2020. Uma parte considerável afirma que essa solução é razoável, pois permite que o vínculo das crianças com a escola seja mantido de alguma forma. Por outro lado, o maior desafio das professoras é fazer com que os alunos respondam às demandas colocadas, realizem as atividades, especialmente quando estas dependem da ajuda dos pais ou responsáveis evidenciando-se que o ensino remoto, sobretudo no processo de alfabetização, não prescinde de mediações sistemáticas e competentes para que as necessidades das crianças sejam atendidas e que elas possam avançar em suas aprendizagens. As docentes lançam mão de recursos variados para realizar o ensino remoto, utilizando-se do livro didático e de outros recursos como, por exemplo, atividades retiradas da internet, uso de livros paradidáticos, dentre outros dando indícios de que as necessidades individuais de aprendizagem podem não estar sendo atendidas, visto que os materiais mais citados são produzidos de modo padronizado, sem considerar especificidades.

A grande maioria tem acesso às novas tecnologias e à internet, porém, uma parcela significativa enfrenta algum tipo de problema, seja porque tem os equipamentos, mas não tem internet em casa, ou o contrário. Há, ainda, uma parcela de 16,2% que têm acesso à internet e possuem as ferramentas mas não sabem utilizá-las. Um estudo mais detalhado deste banco de dados poderá evidenciar o perfil destas professoras por Estado, por Rede de Ensino, Região, permitindo que possamos aprofundar o conhecimento da Educação Básica neste momento histórico pelo qual estamos passando.

REFERÊNCIAS

GESTRADO, 2020. **Trabalho docente em tempos de pandemia**. Disponível em: <https://gestrado.net.br/pesquisas/trabalho-docente-em-tempos-de-pandemia-cnte-contee-2020/> Acesso em: 10 nov. 2020.

MACEDO, M. S. A. N.; MORTIMER, E. F. Perfil dos professores do primeiro ciclo: questões socioculturais e pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 87, n. 15, p. 29-43, jan./abr. 2006.

MACEDO, M. S. A. N. Perfil sociocultural dos professores de 1º ao 5º ano da Rede Municipal de Recife. **Revista Cocar**, Belém, v.13, n. 26, p. 358-375, mai./ago. 2019.

INSTITUIÇÕES E PESQUISADORES/AS QUE COMPÕEM O COLETIVO ALFABETIZAÇÃO EM REDE

Universidade Federal de São João del-Rei

Dra. Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo (Coordenadora)

Dra. Luciane Teixeira Passos Giarola

Dra. Rejane Corrêa da Rocha

Mestranda Ana Cláudia Ângelo Ávila

Universidade Federal do Amapá

Dra. Adelma Barros-Mendes

Dra. Dilene Kátia Costa da Silva

Me. Sandra Mota Rodrigues

Me. Eliana Gonçalves de Almeida Pinheiro

Acadêmica Mariana Carolaine de Oliveira Barbosa

Acadêmica Joyce Fernanda Picanço da Silva

Universidade Federal de Alagoas

Dra. Adriana Cavalcanti dos Santos

Me. Nádson Araújo dos Santos

Me. Jânio Nunes dos Santos

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

Dra. Leila Nascimento da Silva

Dra. Elaine Cristina Nascimento da Silva

Universidade Federal da Bahia

Dra. Liane Castro de Araújo

Universidade Federal de Catalão

Dra. Selma Martines Peres

Dra. Maria Aparecida Lopes Rossi

Universidade Federal do Ceará

Dr. Claudiana Maria Nogueira de Melo

Dr. Francisca Geny Lustosa

Dr. Wagner Bandeira Andriola

Mestranda Maria Juliana Silva Santana

Mestranda Maria Simone Silva

Mestranda Maria Juliana Silva Santana

Mestranda Maria Simone Silva

Graduanda Venythyais Costa de Oliveira

Graduanda Rayanne Martins Farias

Graduanda Gabriela de Almeida Abreu

Universidade Federal do Maranhão

Dra. Joelma Reis Correia

Dra. Marise Marçalina de Castro Silva Rosa

Doutoranda Edith Maria Batista Ribeiro

Profa. Natalia Ribeiro Ferreira

Prof. Carlos Richard Soares Pinheiro

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Dra. Regina Aparecida Marques de Souza

Universidade Federal do Pará

Dra. Elisabeth Orofino Lúcio

Universidade Federal da Paraíba

Dra. Evangelina Faria

Universidade Federal de Pelotas

Dra. Gilceane Caetano Porto

Dra. Marta Nörnberg

Dra. Eugênia Antunes Dias

Dr. Mauro Augusto Burkert Del Pino

Dra. Simone Gonçalves da Silva

Doutoranda Fernanda Arndt Mesenburg
Doutorando João Carlos Roedel Hirdes
Doutorando João Henrique Figueredo de Oliveira
Mestranda Giovanna Allegretti
Mestranda Juliana Andrade Lund
Acadêmica Giane Trovo Belmonte
Acadêmica Manoela Soares Escouto

Universidade Federal de Pernambuco

Dr. Clecio dos Santos Bunzen Júnior

Universidade Federal do Piauí

Dra. Antonia Edna Britto

Universidade Federal do Rio Grande

Dra. Gabriela Medeiros Nogueira
Dra. Janaína Soares Martins Lapuente
Dra. Silvana Maria Bellé Zasso
Dra. Caroline Braga Michel
Dra. Alessandra Amaral da Silveira
Dra. Suzane da Rocha Vieira Gonçalves
Dra. Carmem Regina Gonçalves Ferreira
Doutoranda Eneusa Marisa Pinto Xavier
Mestre Paula Pires da Silva
Mestranda Caroline do Santos Espíndola
Mestranda Myrna Gowert Madia Berwaldt
Acadêmica Milena Severo Estima
Acadêmica Barbara Cordeiro Borges

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dra. Denise Maria de Carvalho Lopes
Dra. Maria Cristina Leandro de Paiva
Dra. Jacyene Melo de Oliveira Araújo
Mestranda Ana Clarissa Gomes de França
Mestranda Mirucha Mikelle Nunes de Lima Meneses

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dra. Luciana Piccoli

Dra. Marília Forgearini Nunes

Dra. Patrícia Camini

Dra. Renata Sperrhake

Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho

Dra. Sandra dos Santos Andrade

Universidade Federal de Rondonópolis

Dra. Sílvia de Fátima Pilegi Rodrigues

Dra. Cancionila Janzkovski Cardoso

Dra. Sandra Regina Franciscatto Bertoldo

Dr. André Luís Janzkovski Cardoso

Me. Anabela Rute Kohlmann Ferrarini

Universidade Federal Rural do Semi-árido

Dra. Elaine Luciana Sobral Dantas

Me. Milena Paula Cabral de Oliveira

Acadêmica Valeska Elayne Silva de Oliveira

Acadêmico Paulo Victor da Silva Almeida

Acadêmica Micaelly Fonseca de Queiroz

Acadêmica Aline da Costa Dantas

Acadêmica Louriete Ribeiro de Araujo

Acadêmica Jessica Murienny Souza Medeiros

Acadêmica Maria Juliane Almeida Gomes

Universidade Federal de São Paulo

Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira

Dra. Cláudia Lemos Vóvio.

Universidade Federal de Santa Maria

Dra. Helenise Sangoi Antunes

Dra. Debora Ortiz de Leão

Ms. Carmem Franca

Ms. Elizandra Aparecida Gelocho

Ms. Marijane Rechia

Universidade Federal de Sergipe

Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira

Dra. Rosemeire Marcedo Costa

Universidade do Estado da Bahia

Dra. Áurea da Silva Pereira

Dr. Cosme Batista dos Santos

Doutoranda Anny Karine Matias Novaes Machado

Doutoranda Maeve Melo dos Santos

Me. Edilange Borges de Souza

Me. Elizabete Bastos da Silva

Mestranda Karla Santos Simões bastos Macedo

Mestranda José Sales Amaral

Universidade do Estado de Minas Gerais

Dra. Magda Dezotti

Dra. Welessandra Aparecida Benfica

Dra. Daniela Perri Bandeira

Dra. Patrícia Gonçalves Nery

Universidade Estadual de Montes Claros

Dra. Geisa Magela Veloso

Dra. Claudia Aparecida Ferreira Machado

Dra. Maria Jacy Maia Velloso

Dra. Emilia Murta Moraes

Dra. Denice do Socorro Lopes Brito

Me. Dirce Efigênia Brito Lopes e Oliveira

Universidade do Estado de Pernambuco

Dra. Débora Costa Maciel

Universidade Regional do Cariri

Dra. Sislândia Maria Ferreira Brito

Dra. Marcia Kelma de Alencar Abreu

Dra. Isabelle Luna Alencar Noronha

Me. Robério Ferreira Nobre

Ma. Ana Paula dos Santos

Ma. Cícera Cosmo de Souza

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Dra. Ana Caroline de Almeida

Acadêmica Marília Nogueira Oliveira Souza - 4º período Pedagogia